

QUANDO

BUDA

MORRIA

BUDA, «Mestre dos homens e dos deuses», ia morrer. O Venturoso, o Vencedor e o Realizado, aquele que «conquistou os oito conhecimentos sobrenaturais e cumpriu as quinze práticas sagradas», rodeado dos amados discípulos, num cenário oriental, em leito preparado entre frondosas árvores da misteriosa Índia, ia ditar as suas palavras derradeiras, semear ainda mais o seu verbo luminoso da fraternidade e, depois de passar por tôdas as mutações a que a sua alma seria lançada, segundo os conceitos da filosofia que ergueu, entraria na paz do Nirvana.

Buda, o doce príncipe, o coração encantado, o reformador espiritual pela generosidade, aquêlle que, em criança, ao vêr um doente, um velho e um morto, abandonou o palácio de maravilhas para atravessar vales, subir montes, levar a todos os seus irmãos o Verbo eloqüente do Amor, na última hora da vida, tendo em sua volta numerosos bikús, pedia-lhes docemente que soubessem interrogá-lo, que aproveitassem o fugidio momento de ouvir dos seus lábios de apóstolo a resposta a qualquer dúvida ou perplexidade que possuíssem ainda sobre a «Doutrina que faz do homem um vaso purificado onde a felicidade se acolhe».

Insistiu; e os seus amados discípulos bikús não souberam interrogá-lo. Mas êle falou ainda. Exaltou com encanto a palavra da paz e do amor que tantas vezes saíram dos seus lábios felizes. E contou-lhes as suas esperanças. Ia mergulhar nas profundidades do Nirvana, penetrar em si, e, imóvel, procuraria a palavra da ciência para trazê-la aos homens. Incitou os bikús a que fizessem frutificar a palavra do amor. Sábiamente compreendia que só assim poderia dar aos homens as outras palavras que no Nirvana procuraria.

De que serve a ciência — se não é para mais vincular o homem à vida e mais o libertar das primárias condições, entre as quais está a luta e o ódio cego?

«Antes da minha volta e da minha nova generosidade fazei, pois, oh discípulos, que todos compreendam, até a praticar, a palavra do amor. Quando um homem seja louco e superficial até chamar a outro homem seu inimigo, curai-o da loucura, fazendo-o olhar profundamente as duas almas que julga hostis; mostrai-lhe como êle próprio é também aquêlle que julgava odiar e mostrai-lhe como o ama. Porque, passadas a ilusão e a loucura, não podemos deixar de nos amar por tôdas as partes onde nos encontramos, isto é, como o sabeis, em todo o ser vivente. Ante cada ser, que os homens exclamem amorosamente: «Eu sou êsse».

«Quando todos os espíritos estiverem esclarecidos e todos os cora-

ções modificados por esta primária verdade, voltarei a um mundo que fizestes fraternal. Ao homem, então incapaz de abusar do seu poderio, eu trarei a ciência que o tornará dono das coisas e o fará vencedor do morte. Mas, concedida a quem não se libertou das trevas do ódio, a ciência seria um meio de sujar e empobrecer o mundo. Nas mãos dêstes loucos odiosos, seria a arma do suicídio mútuo».

Calou-se. Durante muito tempo silencioso, os discípulos julgavam vê-lo entrar, então, nas sucessivas regiões que levavam ao Nirvana. Enganaram-se; com os olhos vertendo lágrimas, Buda, o Sugata, fixou de novo os discípulos.

— Se o Realizado chora, para que servem então os oito conhecimentos e as quinze práticas? — entre si, inquietos, perguntaram os bikús.

O espírito venerando do suave Mestre em poucos momentos vivera a angústia dos séculos futuros. Vira a sua obra desfigurada, os iconos erguidos, levantados novos templos onde o dogmatismo bramânico seria substituído por um budismo transfigurado, a sua figura humana, grande, superiormente humana, erigida em ídolo, sacerdotes inactivos e madraços medrar à sombra do seu «Nirvana», deixando a sua parte de esforço vital sobre os «ombros esmagados de seus irmãos». «Oh, meus filhos, os vossos filhos restabelecerão, pretendendo honrar-me, os sacrifícios absurdos,

as mortificações ridículas, a injustiça das castas».

Previra os séculos futuros. Os homens não se amavam.

O Realizado não levou, pois, ao conhecimento de tais seres a palavra de ciência. Compreendeu que dela se serviriam uns para aniquilar os outros e não para um concôrto, na vida e na fecunda grandeza de a humanizar. Em lugar de ser uma libertadora das primeiras condições animais, ao contrário, seria a arma de aniquilamento que iria ferir os peitos fraternais dos vencidos nas pugnas. Para que dar mais um poder? para que fornecer mais uma força? — se ela contribuirá para mais sangue derramar e mais perverter os corações pelo ódio?

Mas, meus amigos, isto é um arremêdo da narrativa deliciosa que o bom Han Ryner, êsse arquetipo moral dos novos tempos, príncipe dos novelistas franceses e prosador rico de colorido, de forma e de música, o mago da harmonia, que o bom Han Ryner, digo, nos faz da morte de Çakia Muni, Buda, no livro *Crepúsculos*. Aí coloca, na forma pàlidamente delineada, um problema que tem muito de inquietante e que todos já puderam vêr qual é: — Até que ponto a evolução moral dos homens deve acompanhar o desenvolvimento técnico; até que ponto os homens sabem tornar-se dignos da altura científica adquirida. Não é verdade — e os factos não o confirmam? — que entre o homem de hoje e o de há séculos atrás não se nota diferença moral sensível e que, na vertigem do *struggle for life*, as maravilhas da invenção só têm servido para mais dividir os homens?

Mas a obra de reconciliação entre o ser moral, sensível, e o racional, puramente cerebral, não deve, por isso, paralizar. Buda voltará tantas vezes quantas forem necessárias para a edificação da sua obra soberba.

«—O meu coração é valente para recomêçar a sempre necessária obra salvadora. Se o azedume sempre se renova a ponto de não poder salvar os homens, gosarei, por vezes, a doçura de salvar um dos meus irmãos. E como não me salvarei a mim próprio se emprego tôda a minha força para tentar salvar os meus irmãos?...»

«A valentia do Vencedor, fogo triunfante, tinha secado as suas lágrimas. O sorriso voltou aos lábios, onde poisou um feliz silêncio, e as pálpebras protectoras desceram sobre os olhos. Então, atravessando os extasis apaziguadores, dirigiu-se para o sereno Nirvana. E o sorriso florescia nos lábios dos bikús porque viam a face do Baghavat resplandecer como um sol».



J. Soares Lopes.